

# O SOL ENGANADOR

António de Araújo

SIMON SEBAG

MONTEFIORE

**Estaline. A Corte  
do Czar Vermelho**

Trad. portuguesa de  
Mário Dias Correia  
Lisboa  
Alêtheia Editores,  
2006, 700 páginas

## UMA QUESTÃO DE MERCADO

Após concluirmos a leitura deste livro, um maciço volume de 700 páginas que, com grande sentido de oportunidade, em boa hora a editora Alêtheia fez publicar entre nós, é difícil não ficarmos com a amarga sensação de que, pura e simplesmente, em Portugal jamais seria possível escrever uma obra como esta.

O seu autor, Simon Sebag Montefiore (n. em 1965), não é um académico, mas também não pode qualificar-se propriamente como jornalista profissional. Foi leitor de História em Cambridge e tem escrito abundantemente sobre a Rússia para publicações como o *Sunday Times*, o *New York Times* e a *Spectator*. Passou a maior parte dos anos 90 a percorrer as vastas paragens da antiga União Soviética, em especial o Cáucaso, a Ucrânia e a Ásia Central. Entretanto, publicou uma aclamada biografia de Potemkine e outras obras de menor fôlego, nomeadamente um curiosíssimo *My Affair with Stalin*. Actualmente, apresenta documentários televisivos e poderá classificar-se como um investigador *free-lancer* que, fora dos meios universitários, produz obras sobre uma realidade que conhece a fundo,

as quais, pelo sucesso comercial que têm à escala planetária, lhe permitem continuar a trabalhar com a dedicação metódica que se entrevê perfeitamente em cada página deste *Estaline. A Corte do Czar Vermelho*. Em breve sairá outro livro da sua autoria, sobre a juventude de Estaline, intitulada *Young Stalin*, que muito provavelmente trará dados novos em relação à obra homónima da autoria de Edward Ellis Smith, saída em 1967.

Dissemos no início que uma obra deste fulgor não poderia ser escrita em Portugal. Trata-se, desde logo, de uma questão de *dimensão de mercado*, que a circunstância de a língua portuguesa ser falada por milhões de pessoas em todo o mundo não resolve (pelo menos, enquanto não se ultrapassar o fosso cultural que inexplicavelmente nos mantém afastados do Brasil, e vice-versa). De facto, não existe entre nós um mercado capaz de sustentar aventuras literárias deste calibre. Os académicos, sabiamente, não se atrevem sequer a realizar investigações sobre realidades que vão para além da pequena escala lusitana e, salvo raras excepções, os jornalistas, sem desprimor para a classe, caracteri-

zam-se por uma ignorância e uma incultura que os impedem de se entregar a empreendimentos intelectuais desta envergadura. A culpa, claro está, também é do público. Nos tops de vendas deparamos com livros sobre os «amores de Salazar», que o caracterizam como «o Troca-tintas», que saltava «de cama em cama», alguém «que conheceu e estancou as febres da carne com o requinte de um Casanova» e «que sabia que o amor era passageiro, mas enquanto durava tirava o máximo proveito». Existe, obviamente, espaço para esta literatura (com *Koba, the Dread*, Martin Amis também se dedicou a produzir em torno de Estaline um exercício histórico-literário de duvidosa qualidade). O problema é que muitos destes livros têm pretensões de autenticidade e veracidade, fazendo-se passar por aquilo que manifestamente não são. Por exemplo, no curioso *Máscaras de Salazar*, de Fernando Dacosta, existe um conjunto muito interessante de referências e informações. Simplesmente, como as mesmas não são devidamente contextualizadas nem suportadas por qualquer aparato crítico, o leitor não sabe onde termina a realidade dos factos e começa a ficção, tendo de confiar plenamente – ou, em alternativa, não confiar de todo – naquilo que o autor lhe transmite. Um dos casos mais flagrantes – e mais graves – é o *Diário de Salazar*, o qual foi escrito, não por António Salazar, mas por António Trabulo, e que certamente induziu em erro muitos leitores incautos. Em contraste, obras de síntese de grande qualidade – como o notável *Salazar e o Vaticano*, de Bruno Cardoso Reis, acabado de sair – passarão muito provavelmente des-

percebidos para um público que prefere, como é evidente, conhecer a vida sexual do doutor António de Oliveira Salazar, sobretudo quando a mesma é apresentada no estilo «picante» próprio da literatura cor-de-rosa.

#### **UMA BIOGRAFIA «DEFINITIVA» DE ESTALINE?**

O presente texto não é certamente o lugar mais adequado para estes lamentos. Porque realmente o que deveremos, antes de mais, é saudar o aparecimento entre nós do livro de Simon Sebag Montefiore. Em 2005, pelo Natal, tivemos a biografia de Mao Zedong, da autoria de Jung Chang e Jon Halliday, uma obra que, pese os seus inegáveis méritos, acusava a marca emocional do ódio pelo biografado, para não falar de alguns problemas de rigor factual que logo foram assinalados por Jonathan Spence, na crítica que escreveu na *The New York Review of Books*. Este ano, a Alêtheia traz-nos o livro de Montefiore (por sinal, bem melhor do que aquela biografia de Mao). Dele não se pode dizer que é a biografia «definitiva» de Estaline, até porque, nestes domínios, classificar uma obra como «definitiva» é sempre arriscado. Pelo menos, não é uma obra «definitiva» do mesmo modo que o é a biografia de Hitler da autoria de Ian Kershaw. Para tanto, seriam necessárias muito mais páginas, o que por certo iria afastar leitores – e editores (não por acaso, os dois monumentais volumes de Kershaw permanecem inéditos entre nós).

Aqui reside, aliás, um dos muitos méritos do livro. Apesar da sua grande dimensão (quantos compradores irão ler realmente

estas 700 páginas?), o livro consegue manter-se dentro de limites aceitáveis de legibilidade, para o que muito contribuem o interesse manifesto do tema e da personalidade em causa e, sobretudo, a fluidez do estilo de Montefiore, que, na melhor tradição anglo-saxónica, combina de forma inigualável a profundidade e o rigor da investigação e a fluidez da escrita e do estilo. Basta ver o modo como Montefiore prende a atenção do leitor desde o prólogo do livro, que começa com uma descrição «cinematográfica» da festa do aniversário da revolução realizada a 8 de Novembro de 1932.

### **ENTRE A BIOGRAFIA E O «RETRATO DE GRUPO»**

O livro, devemos reconhecê-lo, poderia ser minado por uma «contradição interna» que fica patente no título (*Estaline*) e no subtítulo (*A Corte do Czar Vermelho*). Em bom rigor, poderíamos perguntar-nos: estamos perante uma biografia de Estaline ou um «retrato de família» da elite soviética? Este é um problema que não se coloca nas biografias «clássicas» do ditador soviético, que se centram exclusivamente na personalidade de Estaline, ainda que obviamente com abundantes referências àqueles que o rodeavam. É o que acontece, por exemplo, no trabalho de Isaac Deutscher ou no mais recente livro de Dmitri Volkogonov (de ambos existem traduções brasileiras, como é óbvio). É também o que sucede na monumental – e, essa sim, «definitiva» – biografia de Krutchev da autoria de William Taubman.

Neste caso, ao invés, Montefiore fez a aposta arriscada – que ganhou em toda

a linha – de retratar Estaline situando-o no quadro da *nomenklatura* soviética, a que subjaz a ideia de que não é possível compreender o sentido da acção daquela personalidade sem conhecer os tenebrosos meandros da «corte» que o acompanhava. Talvez fosse interessante complementar a leitura deste livro com a do famoso texto de Norbert Elias sobre a «sociedade de corte» (de que existe tradução portuguesa). Não para tentar, de alguma forma, encontrar quaisquer paralelos entre o ambiente vivido no Kremlin e a atmosfera palaciana que Elias analisa brilhantemente. Tratar-se-ia, tão-só, de uma proposta de leitura que permitiria, porventura, ao leitor possuir uma visão mais ampla do sentido de uma sociedade fechada, dominada por uma personalidade central e atravessada por constantes flutuações de «favoritismo» e «queda em desgraça» que visavam tão-só assegurar a perpetuação da hegemonia do líder. Não por acaso, em declarações à imprensa o próprio Montefiore já qualificou a corte de Estaline como «uma corte barroca, com violência, deboche e degenerescência». A (esquecida) obra de Karl Wittfogel sobre o despotismo oriental, se não enveredarmos pela «tese hidráulica» que a sustenta, será também uma interessante leitura complementar.

### **CULTURA E BARBÁRIE**

O livro de Montefiore foi galardoado em 2004 com o «History Book of the Year Award», atribuído pelos «British Book Awards». Mas, do ponto de vista histórico – teremos de dizê-lo –, Montefiore não nos traz propriamente revelações sensacionais ou novidades surpreendentes em

relação àquilo que já conhecíamos através das biografias de Deutscher ou Volkogonov, entre tantas outras. Nem propõe interpretações globais que nos permitam discutir a uma nova luz o fenómeno do estalinismo, como ocorre com as obras de Hélène Carrère d'Encausse, por exemplo, ou com o controverso ensaio de Robert Thurston que trilha caminhos próximos do revisionismo. O acesso aos arquivos de Moscovo, bem como as pesquisas que o autor diligentemente efectuou, permitem-nos, isso sim, revisitar episódios já conhecidos com a garantia de que estamos agora a pisar terreno muito mais firme (ao contrário do que acontecia, dadas as simpatias trotsquistas do autor, com a obra de Deutscher, por exemplo). A intimidade do ditador, de todos conhecida, é aqui desvelada de uma forma contida e discreta, sem quaisquer preconceitos ideológicos de diabolização do personagem (num certo sentido, pode afirmar-se que Estaline é de tal forma «mau» que nos poupa o trabalho de o demonizar). Aquilo que tem causado mais fragor na recepção do livro de Montefiore tem sido a revelação de que, ao contrário do que muitos julgavam, Estaline não era um bárbaro inculto responsável pela morte de milhões de pessoas. Era um bárbaro culto responsável pela morte de milhões de pessoas. «Estaline era uma combinação de bruto e de estudioso», como disse Montefiore numa entrevista ao jornal *Expresso*. Lia avidamente, tinha uma vasta biblioteca, gostava de ver filmes e de ouvir música, o que prova que, pelo menos no caso desta singular personagem, a cultura não é antídoto para a barbaridade.

### **UM PODER INFORMAL – E LETAL**

É também surpreendente – ainda que os *media* não lhe tenham dado tanto relevo – a importância que Montefiore atribui ao carácter informal do exercício do poder no *inner circle* de Estaline. O autor retrata o quotidiano de um grupo de pessoas que conviviam diariamente, cujas famílias se conheciam e se visitavam nas suas *datchas*; enfim, um conjunto de sete ou oito personalidades que, para lá das ideologias e dos aparelhos burocráticos, governavam um país imenso sem terem de prestar contas a ninguém (a ausência de responsabilidade desta «corte», sobretudo porque vivida no seio de uma sociedade totalitária e fortemente hierarquizada, é um dos pontos mais salientados pelo autor). Havia, é certo, o risco de cair em desgraça aos olhos de um líder que não confiava em ninguém, um homem brutal e extremamente inteligente, que desde novo, na sua Geórgia natal, conhecera e praticara a violência extrema. Esse era o preço a pagar por viver perto de alguém que «não amava como uma pessoa normal» e tinha como um dos traços mais salientes a «esterilidade emocional» (para usar as palavras de Montefiore, que por vezes se desvia por escusados caminhos de caracterização psicológica).

### **O CZAR NA INTIMIDADE**

Ao privilegiar o aspecto pessoal do biografado, esta não é uma obra de síntese sobre o período estalinista nas suas múltiplas implicações (a ideologia, por exemplo, surge nitidamente subvalorizada, o mesmo sucedendo quanto à contextualização internacional dos acontecimen-

tos). Montefiore, de resto, reconhece-o abertamente: «Se as pessoas querem saber os números da produção de aço no Segundo Plano Quinquenal, há outros livros. Se querem saber como Estaline vivia no dia-a-dia, o que lia, o que pensava sobre as coisas, sobre o que falava, como governava – no seu modo informal, íntimo, de mandar – a sua vida amorosa, as suas relações com pessoas como Molotov e Beria, deviam ler este livro», disse o autor em recente entrevista ao *Expresso*. É evidente que uma obra destas não é imune à crítica de ter sido pensada em função do *voyeurismo* do grande público – e que talvez resida aí uma das razões, porventura a principal razão, do seu imenso sucesso comercial. Aliás, esta é uma crítica que pode fazer-se a muita da literatura de não-ficção que tem surgido recentemente: o *Livro de Hitler* não é, decididamente, uma obra de investigação histórica, mas um documento cujo principal valor consiste em satisfazer a curiosidade dos leitores pela vida privada do líder do III Reich

(o mesmo sucede com as memórias de Traudl Junge, só para citar mais um exemplo). Ainda assim, o facto de Simon Sebag Montefiore ter realizado uma investigação de inquestionável seriedade e consistência e de ter sido capaz de a apresentar num estilo claro e acessível são razões mais do que suficientes para justificar a leitura desta obra. Não se trata, obviamente, de um ensaio que avance uma «tese» – como acontece, por exemplo, com os trabalhos de Ernst Nolte –, mas não só não era esse o propósito do autor como nem toda a História tem de ser escrita da mesma maneira. Simon Sebag Montefiore desvendou-nos o lado íntimo de Estaline em páginas que recriam de forma notável a atmosfera vivida no Kremlin. Por mais tenebrosos que sejam alguns dos factos nele cotados, este é um livro que se lê avidamente e com grande prazer. Espera-se, no entanto, que a pulsão da leitura seja o único traço que tenhamos em comum com a sombria personalidade de Iosebo Djughachvili. **RI**